

As trilhas memorialísticas do Mangue na saga dos ilhéus da foz do Paraíba do Sul

Mangue's historical memoirs of the saga of the islanders on the Paraíba do Sul River Delta

Carla Simone Ferreira Machado Lombardi*

Vania Cristina Alexandrino Bernardo**

A leitura do cotidiano, pelo olhar da narrativa do romance, que a partir do ponto de vista do autor sobre o real, articula-se com a ficção em busca de caminhos que vão ser recriados na relação autor-leitor, ganha significados nesse estudo sobre *Mangue*, romance regional de Osório Peixoto. O presente artigo, ao enredar temáticas como memórias, cultura e literatura, priorizou análise que enfatizou o modo de ser e viver dos ilhéus da ilha do Pessanha, cenário aonde as personagens circulam e tecem histórias de vida, marcadas pela pobreza, opressão, descaso das autoridades, desumanidades e ausência de cidadania. Trata-se de uma escritura, que com base na revisão da literatura sobre os temas referentes, discute a saga das comunidades ribeirinhas em uma análise crítico-reflexiva desse texto que une poesia e ficção.

Reading about daily life through a novel's narrative, which from the author's point of view of the real world is articulated as fiction and recreated in the author-reader relationship acquires meanings in this study about Mangue, a regional novel by Osorio Peixoto. Involving themes such as historical memory, culture and literature, this article prioritizes an analysis that emphasizes the character and lifestyle of islanders on Pessanha's island, a scenery in which the characters circulate and weave life stories, marked by poverty, oppression, disregard of the authorities, inhumanities and lack of citizenship. Based on the review of the literature, the study presents a critical and reflexive analysis of the saga of riverside communities described in the book, a text, which links poetry and fiction.

Palavras-chave: Cultura. Literatura. Memória. Cotidiano. Ilha do Pessanha.

Key words: Culture. Literature. Memory. Daily Life. Pessanha's Island.

Introdução

1 O cenário da narrativa do Mangue: cultura e isolamento na vida dos ilhéus

O tempo, rio que divide nossa alma e nossa consciência, nossa compreensão sempre insuficiente do que somos e do que não somos e queremos ser.

José de Souza Martins

* Especialista em Língua Inglesa pelo UNIFLU/ FAFIC. Professora e Coordenadora de Língua Inglesa do Município de Campos dos Goytacazes. Orientanda do Curso de Pós Graduação Lato-Sensu Literatura Memória Cultural e Sociedade do IF Fluminense

**Doutora em Letras pela UFF e professora titular do IF Fluminense – Orientadora.

Nesse cenário, atualmente decadente em razão da ação do homem, o rio impotente diante da força e falta de clemência da natureza violada, vê minguar suas águas e toda a vegetação ribeirinha de restinga, mangue e mata ciliar. É justamente nesse locus que a história dos ilhéus da Ilha do Pessanha¹ é contada.

O Rio Paraíba do Sul, por seu tamanho e importância, apresenta-se como o maior manancial de água doce do Estado do Rio de Janeiro, atravessando grande parte dos municípios fluminenses até desembocar no litoral de São João da Barra, na região norte do estado. Em tempos, que já se vão longe, a região viveu períodos de riqueza e abundância, mas hoje, vê morrerem junto com o rio muitas das comunidades e ilhas que deram vida ao entorno de sua foz.

A narrativa ficcional desse romance, de toques regionais, tem inspiração na realidade como mostram as palavras ditas por Osório Peixoto que, durante um tempo de sua vida, morou na Ilha da Convivência, cenário da saga dos moradores/personagens desse romance de componentes universais.

No instante que tece comentários sobre a força de representação da literatura, Roland Barthes (1993, p. 22) diz: “(...) desde tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afana na representação de alguma coisa. O que? Direi brutaemente: o real.”

Essa representação, segundo complemento do autor, trata-se de uma demonstração do que o discurso capta do real, uma vez que a realidade é impossível de ser absorvida em sua multidimensionalidade pela linguagem. Numa outra perspectiva, mais historiográfica, Le Goff (2003), ao discutir as relações entre memória e história (real), fala da “mimesis”, não como uma forma de representação banal do real, mas sim como recriação, que conservando o que de fato aconteceu, sob os índices da memória, espelha a história, tornando-se testemunha de uma realidade vivida, que passa a ser representada.

Nesse sentido, o cenário que surge aos olhos do leitor, cria uma relação que abre fendas possibilitadoras da penetração, no universo de *Mangue*, pela via da memória que, no caso específico dessa escritura, traduz-se em narrativa poética, linguagem única de um poeta cordelista que se diz escritor bissexto. Costa Lima, em seu texto *Vida e Mimesis* (1995), apresenta duas possibilidades de interpretação de mimesis: uma que se apresenta como platônica, a qual concebe a “mimesis” como perigosa, justamente, porque sendo representação, linguagem, situa-se no campo das aparências. A segunda interpretação, esta de Plotino, considera que o texto possui uma luz interna, sendo esta a interpretação, hoje, corrente entre os críticos literários.

A paisagem, pano de fundo da saga dos ilhéus, tem papel de destaque na trama do *Mangue*, pois sob o ponto de vista cultural, o cenário se confunde com a trajetória das personagens, que são como extensões do próprio lugar. Quando aborda o sentido estético das paisagens, Matthew Gandy aponta o valor semiótico nos textos paisagísticos e comenta:

Novos desenvolvimentos críticos sobre a representação cultural da natureza mostraram que existem inter-relações entre paisagens, linguagens estéticas e discursos éticos pretensamente universais entre poder e identidade. A paisagem não pode mais ser definida como o objeto passivo da observação humana, mas antes como elemento constitutivo do desenvolvimento social (1995, p.86).

É a natureza, ela própria como vida, pulsante em sol, vento, água, céu, ar e sal, uma personagem desse romance, o qual fala de gente simples, que vivia da pesca do caranguejo nos mangues os quais compunham o cenário da Ilha do Pessanha, uma pequena porção de terra, de um lado banhada pelo rio; e do outro, pelo mar que com o rio se funde na foz do Paraíba do Sul.

Ao apresentar o rio como lugar que abriga a vida de tanta gente diferente, o autor transborda-se na linguagem poética, traçando o que se fará futuramente contraste na sua narrativa:

Amado e generoso rio saciador das sedes, irrigador dos vales e campinas. Rio que tomba dos distantes cerros azuis, grita nas gargantas de granito, empina nas pedras e desata a crina dourada nas corredeiras. Se espreguiça em meandros na planície e se entrega ao mar entre ilhas franjadas e coqueirais cantantes. Rio que embala as cidadezinhas adormecidas às suas margens, rio prisioneiro nas muralhas de cimento, cativo das mãos humanas, morrendo em luzes sobre o asfalto das cidades grandes (SILVA, 1981, p.20).

O rio é apresentado, na literatura de Osório Peixoto, como um personagem, cuja vida primitiva e natural é interrompida em muitos momentos pela estupidez dos homens, que, por ganância ou mesmo por desprezo pelo que foi criado por outras mãos que não as suas, interferem no curso normal da vida a qual corre no seu leito, o seio da terra.

Esse rio, que assistirá à saga dos ilhéus, impotente diante dos rumos misteriosos da natureza corrompida em sua inocente existência, é tragédia e esperança que se fundem na dialética dos sonhos dos ilhéus.

1.1 Espaço-tempo na construção da narrativa

No universo desse estudo, o espaço aonde se dão as narrativas, contexto da vida e de discursos que envolvem múltiplas e diversificadas relações, como limite do individual e do coletivo, como *locus* das grandes tragédias humanas, é uma pequena ilha, a Ilha do Pessanha. Ali, o tempo e o espaço se confundem, uma vez que o tempo cronológico em seu fluir é como as ondas do mar que se transformam a cada batida, em movimentos aparentemente semelhantes, em som monocórdio. Sendo assim, na

¹ Ilha do Pessanha é o nome dado pelo escritor Osório Peixoto à Ilha da Convivência uma das pequenas ilhas situadas na foz do Rio Paraíba do Sul.

narrativa de *Mangue*, espaço e tempo caminham lado a lado.

O tempo-memória, que se manifesta ao longo da escritura, abarca o espaço-tempo da narrativa desvelado em descrições, interditos e silêncios. A memória, como expressão do vivido, trata de uma representação seletiva do passado que se presentifica na leitura do momento. Quando fala na memória, Le Goff (2003) diz:

(...) Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores, os denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações levadas a construir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória (p. 467).

O tempo-espaço ganha força em *Mangue* nas palavras reveladoras do choque cultural de um tempo que, ao ser atualizado na leitura do autor, demonstra o descompasso entre contemporaneidade e o momento da criação. Ao descrever a descida do homem à Lua, um marco no tempo e que se faz memória, Osório Peixoto diz desse tempo-memória em trechos belíssimos do romance, ao mesmo tempo em que mostra, nessa digressão, a distância real de vivências culturais simultâneas e diversas.

Também na Ilha do Pessanha os pescadores olham a descida à lua. Ao redor da ex-capela, hoje florescente Bar Santo Amaro, reúne-se a memória da população da ilha. Os ilhéus não entendem o que possa ser um aparelho de tevê. Essa ignorância gera silêncio respeitoso toda vez que o aparelho funciona. Conversam baixo, não despregam os olhos da tela luminosa. Para muitos a televisão é coisa divina, merecedora de todo o respeito. Apenas as crianças fazem algazarra e perturbam o silêncio (1981, p.33).

Esse fragmento aponta para um tempo-memória que desvenda a distância cultural/temporal no mesmo tempo cronológico. Enquanto os homens de outras terras chegam à Lua, numa demonstração clara do avanço científico alcançado por seus pares, os ilhéus da Ilha do Pessanha ficam deslumbrados com a máquina que fala e mostra coisas que eles jamais puderam imaginar, isolados que vivem em um pedaço de terra rodeado de mangue e águas de rio e mar.

O tempo-espaço em *Mangue* fala de sujeitos concretos em seu cotidiano, com suas diferenças culturais, e sua memória social que aponta as desigualdades dessa terra em que vivem os ilhéus e os donos do poder, espectadores com olhar de triunfo da chegada do homem à Lua, anúncio de progresso e de novos tempos. Por outro lado, no tempo cronológico, os ilhéus reverenciavam o que lhes era desconhecido e sinônimo de poder, na ignorância ingênua de quem teme o novo.

O tempo-espaço também se revela na memória social do autor, sendo um dos trechos marcantes a transformação do espaço do armazém em escola:

Acompanhada de Manjedora, Dona Preta e Nelite, Cléia alicia os pescadores para as reformas no antigo depósito de bagre, o melhor lugar para instalação da escola. Mas é também a coisa mais maltratada da Ilha. Fechado há algum tempo, com teias de aranha descendo do teto espinhas de peixe no chão de barro batido, as paredes de entulho apresentando grandes rombos, marcas onde ficaram os sacos de sal grosso (SILVA, 1981, p.33).

É esse espaço que dará origem à escola, esperança de estudo para as crianças da Ilha que desde que aprendem a andar veem o mundo a partir da lama, dando seus primeiros passos na direção do mangue. A solidariedade dos moradores do Pessanha faz com que o espaço do depósito se transforme em uma escola que passa a ser orgulho de todos.

Às três horas da tarde, o armazém está todo caiado de branco, trabalho final de Seu Álvaro, que Inocêncio Batata afogou-se no mar de pau pereira. Os rombos das paredes remendados, o telhado livre de picumãs, aranhas e piolhos de cobra (*Idem, ibidem*, p.45).

Mas, o tempo-espaço dos ilhéus tem um vínculo visceral com a natureza, no tempo que é tecido pela rotatividade de manhãs e entardeceres, e que faz com que os mares subam e desçam no compasso das luas, ventos, tempestades e chuva fina. Um tempo que rege as estações, traz farturas e penúrias aos ilhéus, um tempo-espaço de vida doída de dores que vão além de mãos judiadas pelas poás dos caranguejos, que entram na pele da gente do Pessanha e penetram na alma de quem sabe que nada existe, além da lama do rio e das vagas do mar.

Esse tempo-espaço tecido pelo meio natural é uma sabedoria que só os ilhéus construíram passando de pai para filho e que é parte do universo cultural das pessoas que povoam a pequena Ilha. Saber-costume, que faz parte da identidade de cada morador conforme, sinaliza o autor:

Quando o camarão escasseia, quando a chuva fina e fria impede a pesca do sete-barbas, Galo Cego bota no mar suas redes de minjoada apanhando os grandes cações que se aproximam da costa. (...). Quando o tempo esquenta as grandes pescadas malham nas redes, que Galo Cego, além do arrasto do camarão, tem sempre suas minjoadas dentro d'água. (...) A primavera instala-se na ilha do Pessanha, trazendo seus sintomas. A trepadeira da varanda de Nelite arrebenta-se em flores. Todo o amarelo do mundo desaba na varanda tosca. (...) O cajueiro, trepado no cocuruto arenoso, aparado do vento pelas árvores do mangue abre-se em flores temporás, espalhando o perfume generoso (...). O rio persiste seco, douradas coroas de areia encalhada no leito raso (*Idem, ibidem*, p.61 e 63)

Na Ilha, vê-se o tempo natural, traçando os dramas cotidianos dos ilhéus, presente

no percurso do rio que se esvai, retiro das fontes de renda dos moradores no contraste com as flores que se abrem em esperança de dias melhores e vida farta.

1.2 Cultura, isolamento, esperança, na tecitura do cotidiano

É na literatura brasileira, mais do que nas ciências sociais, que a dimensão social/sociológica fundamental de nossa realidade aparece de modo nítido, afirma José de Souza Martins (2008, p.22). O autor diz que poetas e escritores traduzem, em seus personagens, traços marcantes do povo brasileiro nas suas mais diversas manifestações culturais, tradutoras de um cotidiano marcado por linguagens ricas de regionalismos e tradições que refletem as diferenças espaciais.

Nesse sentido, não só o tempo-espaço, bem como as ideias, os valores, as crenças, os hábitos e os modos de viver que formam a cultura de um grupo, dizem do seu dia-a-dia e de seus sonhos. Em *Mangue*, a visibilidade dos traços culturais dos ilhéus encontra-se presente na linguagem, nos hábitos, nos medos e nas interpretações, marcas de uma população que vive isolada, sobrevivendo de sua história e da memória como representação da cultura que se perpetua em suas expressões.

- Que intojo. Lá evém o surucucu cambota com seus deboches. Pois onde Manjedora cospe o senhor não bota as fuças. (...) Até a jibóia e a arirô ganham veneno em agosto. A tainha desova e está magra e sem gosto. A espetadela do pico de roseta é mais dolorosa em agosto, a ferrada do tapiucaba arruína, o bicho-de-pé inflama, perigoso (SILVA, 1981, p.37 e 40)

Essa linguagem típica de quem vive em terras ribeirinhas mostra uma cultura forjada na lama do mague e distante da cidade. Os ilhéus entendem de bichos-de-pé, de doenças comuns aos que vivem na natureza, sem os modernismos da cidade como diria Manjedora, personagem da Ilha do Pessanha, mulher de fibra e apanhadora de caranguejo da foz do Paraíba do Sul.

Olhando o telhado de sapê em sua insônia cevada pela magreza de dinheiro, Inocêncio procura solução para seu desespero. Arrepiam-se só em pensar que a casa está pura, sem comida. Pobre Manjedora, mãe de tudo quanto é vivente, as mãos comidas pelos caranguejos, ajudando todo mundo (*Idem, ibidem*, p.73).

A pobreza, que dá vida à solidariedade, como traço da cultura brasileira estudada por antropólogos, como afirma Roberto Da Matta (1981, p.39), expressa um aspecto das populações inseridas em culturas, que permanecem isoladas do movimento urbano e alimentam-se de uma ética solidária.

Quando fala dessa cultura, presente na literatura dos escritores brasileiros, José

de Souza Martins (2008) comenta Guimarães Rosa, cuja escritura apresenta esse traço fundante da história social e da cultura brasileira, de um modo belo e claro quando o escritor mineiro fala da travessia. É o primeiro quem afirma:

(...) é na travessia, na passagem, no inacabado e no inconcluso, no permanentemente incompleto, no atravessar sem chegar, que está presente o nosso modo de ser - nos perigos do indefinido e da liminaridade o viver perigoso e demasiado (p.22).

Esse traço cultural e singular aparece em vários momentos da obra de Osório Peixoto, sobretudo na força que faz os ilhéus sobreviverem em tudo que atravessa seu cotidiano de lutas, como se retirassem do sal da terra, que guarda os respingos da água do mar e do doce do rio, a força para os enfrentamentos da baixa-maré, que contraditoriamente anuncia ondas altas, arrasadoras, que chegam destruindo casas, mangue, vidas e esperança. Buscar renascer a cada desastre natural faz parte da sina dos ilhéus do Pessanha, travessia difícil e dura, mas permeada de humanidade.

É o isolamento que fortalece os laços, criando uma cultura única e singular nas suas cristalizações, evidências e visibilidades. A falta de recursos cria um hiato, um vazio que aprofunda a tragédia da gente do Pessanha e faz da morte uma decorrência natural dos que vivem à margem do rio e da vida.

A mulher deposita nos braços de Luís Henrique o neto desmaiado. Da boca e das narinas saem os vermes. A criança está desmembrada, o corpo amolecido, face arroxeadada pela asfixia. Tem a garganta obstruída pelos vermes. Luís Henrique não sente sua respiração. (...) Luís Henrique percebe quando a criança morre (SILVA, 1981, p.38 e p.39).

O escritor e crítico Paulo Ronai (1990, p.18), quando aborda a narrativa de Guimarães Rosa, a quem chama de “inventor de abismos”, fala do romance que dá a tônica aos escritores brasileiros os quais por circunstâncias culturais, sociais, históricas e até genéticas, encontram-se presentes na natureza ambiente dos cenários rurais, do sertão, das regiões interioranas, cujas pessoas estão “fechadas ao raciocínio da lógica, mas acessíveis a toda espécie de impulsos vagos, premonições, crendices, vivendo há séculos de distância da nossa civilização urbana e niveladora.”

Por analogia, reportar-se à obra de Osório Peixoto na perspectiva dos abismos, é visualizar o mar misterioso, metáfora dos vales de Minas, mas nem por isso menos assustador em tempos de marés altas; mar que quando recua deixa suas águas na lama do rio, sempre grávido de vida, mas que quando enraivece, traz medo e morte para a gente ribeirinha, uma gente sofrida, que só entende de lama, caranguejos, peixe e privação.

Meio enlouquecido, Luís Henrique levanta os olhos, ajoelhado ainda ao lado do pequenino cadáver. Em torno, mulheres rezando e chorando.

O olhar desvairado de Luís Henrique fixa a tela da televisão, abandonada sobre o grande caixote de madeira. E vê, entre lágrimas, o homem pisando na face da lua (SILVA, 1981, p.39).

Esse cotidiano, recortado em tragédia é uma marca do autor de *Mangue*, que vive e sobrevive de esperança e de realidade. Como um observador da natureza, ele lê, na oposição dos cristais, que a luminosidade sobre as águas cria um duro contraste com a lama, as mãos comidas, as vestes em trapos e os sonhos ingênuos de sua gente.

A cultura que isola, cria abismos, faz travessias e busca veredas, também tece a esperança da maré vazante, de dias de fartura de peixe, de vida melhor, que não a escuridão do mar...

1.3 *Mangue: lama, vida, luta*

Na literatura brasileira, o conceito de margem apresenta-se de forma ambivalente e, na esteira de Michel Serres, apud por Raul Antelo (2002, p.78). “(...) Alude a um esforço de união que se inscreve ou reinscreve sobre um gesto prévio de divisão, já que é próprio da razão instrumental confiar tão somente naquilo que foi previamente discriminado e separado.” A visão de margem se dá na narrativa de Osório Peixoto pelo *Mangue*, cenário que se traduz como vida/limite para os ilhéus da Ilha do Pessanha.

À margem do centro mais próximo, a praia de Atafona, que fica a poucos quilômetros da sede do município, na cidade de São João da Barra, é, contudo, o *Mangue*, com sua vegetação, sua vida noturna, seus bichos que andam e fazem festa na lama, que faz com que as margens da Ilha adquiram o sentido de limite, de separação, de traço invisível e nem por isso, menos forte. Este fator limita os habitantes do Pessanha ao isolamento, que não é compulsório, mas resultado de desigualdades seculares dessa terra sangrada pelos “donos do poder” como bem diriam os ilhéus.

As lamparinas piscam no ventre escuro do mangue da Moça Bonita. Sombras de siribeiras e paus-de-mangue se cruzam sobre o lamaçal. Nos lugares de vegetação mais rala a lua vaza a copa das árvores e se estilhaça na lama. No alto um guarapirá voa rente às nuvens, dormindo na corrente do vento. (SILVA, 1981, p.85)

É o mangue-margem, lugar de vida e luta para os que vivem de sua existência, de gente que sabe que além da lama não há esperança para quem sempre viveu rodeado de água, vento, lama. Margem, pedaço de lama que adentra o rio e com ele se esbarra. Rio tihoso, que não entende de limite, como o povo que vive nas suas margens.

Além do mangue-margem, existe o “outro” lado, o lado dos sonhos, presente nas noites de lua da Ilha, quando canções trazidas pelo vento embalam a esperança das personagens que vivem isoladas na pequena Ilha da foz do Paraíba do Sul. A margem é também eterna possibilidade de ultrapassagem de limites, como fez Galo Cego, pescador experiente que, ao tentar viver vida de rico na cidade, é ludibriado, revelando ser a marginalidade social a mais difícil de ser vencida.

Em ensaio intitulado “Quantas margens tem uma margem”? Raul Antelo diz:

As reivindicações de um ser-marginal postulam deliberadamente, um domínio plural do saber, uma vez que a clausura discursiva no próprio espaço disciplinar significa renunciar a uma unidade natural interrompida por obstáculos materiais. Ao mesmo tempo, porém, essa limitação só pode vir a ser dobrada a partir de aberturas experimentais e, não raro, marginais (...). Um pensamento das margens propõe como estratégia básica a apropriação crítica de tradições, ou seja, dissolver o presente no passado, num jogo duplo com e contra os valores dominantes (2002, p.78).

Na história dos ilhéus, o enfrentamento se dá pela não concessão aos valores do sistema dominante, ao não-abrir-mão de seus princípios, costumes, moral. A margem-mangue dos ilhéus está determinada em relação ao futuro; pois há, em cada interdito dos discursos das personagens, o medo da fome, do fim do mangue, das águas do rio que ameaçam tomar toda a terra da Ilha. Mas, diante do medo imenso, existe a cultura, que tecida na relação homem/meio, enraíza e faz nascer a coragem. Lê-se na narrativa de *Mangue*:

- Do feitio que estão as coisas, o caranguejo, acaba acabando, antes a gente só caçava na quadra certa, agora é o ano todo, dia e noites, até minjoada botam na boca dos cafuas, apanham caranguejo mamando ainda (SILVA, 1981, p.86)

Assim, essa gente, que mistura sonhos, coragem, lutas, dor, alegrias é a representação de um grupo social, feito de gente invisível, cuja cidadania vem sendo negada através dos tempos.

2 O humano na relação das personagens

A categoria “humano”, como parte integrante dos estudos literários, linguísticos, semióticos e culturais, diz respeito ao universo de fatores que dão corpo à humanidade, em seu sentido antropológico e que define o ser humano como espécie e existência social. Nas análises desse estudo, que tem como eixo de sua narrativa ficcional, personagens que brotam da realidade e são inspiração para a ficção, o “humano” situa-se como referência básica.

O filósofo Ortega Y Gasset (1960, p.29), ao situar o homem como ser que transforma a natureza pela cultura, comenta que a linguagem simbólica é o que diferencia os homens dos demais animais. Os símbolos, comenta ele, são invenções humanas por meio das quais o homem pode lidar abstratamente com o mundo que o cerca. Com a linguagem simbólica o homem não está apenas presente no mundo, mas presente pela capacidade de representá-lo.

O humano, em seu sentido múltiplo, que abrange o filosófico, o antropológico, o sociológico, o histórico, o cultural, é a categoria central parte deste estudo, que analisa a cultura dos ilhéus, nas representações da linguagem, costumes, visões de mundo, reflexos da alma dos habitantes do Pessanha.

2.1 As singularidades da linguagem dos ilhéus: os ditos, interditos e não-ditos, como lugar de sentidos

No momento em que tece comentários acerca do discurso, Orlandi (2002, p.10) diz que ele é movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação e dispersão, de unidade e diversidade, de incerteza de trajetos, de ancoragem e de vestígios. Mas, o discurso é também as palavras não ditas, o silêncio, o que é passível de significação.

No discurso literário, peculiar em sua singularidade, com suas personagens, que ao se moverem dão vida e dinamismo às narrativas e promovem uma troca provisória de lugares e tempo no interior do discurso, é que sujeitos e sentidos se estabelecem. (ORLANDI, 2002). Entre as novas formas de significação introduzidas pela Análise do Discurso, como teoria e análise que envolvem metodologia própria, encontra-se a categoria do não-dito como lugar de significação.

Ao comentar que o subentendido depende do contexto, pois o que está posto (o dito) traz em si seu pressuposto, Ducrot (1977), citado por Orlandi (2002), afirma que o “não-dito” é também uma categoria do discurso e como tal, pode ser visto como uma ausência necessária a uma significação. O silêncio é o lugar da palavra não-dita, mas que latente está presentificada no “não dizer”, de quem fala.

É Heidegger, o filósofo da existência citado por Lang (1996), quem diz sobre o silêncio:

(...) mesmo aparentemente neutro de presença, está ali, nos espaços entre os quais o dizível é a outra face, o reverso do não-dizível. O silêncio tem uma certa estranheza porque traz a voz da consciência à tona, portanto ele é sempre o espaço nascedouro da linguagem.

O silêncio com os seus não-ditos e interditos está ligado ao contexto como categoria do discurso. Ele é significado porque é movimento que apreende os signos

que se encontram na ausência de palavras, em seus limites, visto ser o sujeito atravessado pelo social e seus valores, assim como o pensamento, cuja lógica é também o que as palavras não conseguem apreender e tornar expressável.

Os ditos presentes no discurso de *Mangue* guardam em si e sugerem os espaços dos não-ditos, à medida que a narrativa vai tecendo suas histórias de verdades, lutas, trabalhos e sonhos. É o que sugere Manjedora ao receber a professora Cléa na Ilha e, imediatamente, acolhê-la, mesmo prevendo seu destino, nos não-ditos das palavras de acolhida. “(...) Meu Deus, parece uma anjinha, tão asseadinha, os maruís dão cabo de você, vai apanhar bicho-de-pé, não devia...” (SILVA, 1981, p.43).

As reticências desse diálogo, que é como um monólogo de quem conhece o dia-a-dia dos ilhéus, não encontram resposta da interlocutora, no texto. É um dizer que fala por si só, no dito e no não-dito, pois sugere uma polissemia, que dinamiza o discurso o qual abre espaços às significações dadas pela pontuação.

Em algumas passagens do romance, as palavras diretas dão margens às ressignificações. O que está dito é como camuflagem para as denúncias graves da situação social dos ilhéus, mas denúncia não surge claramente, ela esta posta nos interditos das palavras que surgem na mente do Galo Cego, marinheiro experiente, que morre nas águas do mar de Atafona.

Ai Mangue do Pessanha, os caranguejos do lamaçal. O pai, olhos muito azuis, nariz muito fino, alto e desengonçado, sempre sem dinheiro. A mãe, muito magra, vestidos batendo nas canelas finas, fazendo sempre alguma coisa, tarrafeando em busca dos peixes do almoço ou do jantar (SILVA, 1981, p.107).

Nos adjetivos como “desengonçado”, “magra” e em expressões como “sempre sem dinheiro” e “canelas finas”, encontram-se os espaços para a leitura do social que é categoria central na análise do contexto da Ilha do Pessanha, cenário dessa história que mistura realidade e ficção. Nos interditos dessas palavras, estão os espaços a serem significados e ressignificados na relação autor-leitor.

A linguagem sutilmente simples de Osório Peixoto faz com que as palavras ganhem asas e os ditos guardem múltiplos sentidos. O que está posto se coloca como saída para palavra, sugerindo, enganando, cedendo frestas, possibilitando leituras que vão além dos ditos.

Inocência hoje não vai ao mar. Tentará peixe maior nas pedras e no asfalto da cidade de Campos. Está todo arrumado, uma blusa que é ceveiro de sereias estampadas, sapatos pedindo graxa, a calça apertada na bunda e a boca larga. Maria Helena vai com ele até o porto do sul (*Idem, ibidem*, p. 75).

A linguagem de *Mangue* passeia entre o regionalismo típico dos ilhéus e as belas

metáforas do seu autor. É um mergulho feito de signos e espantos, referências desse texto literário rico de possibilidades.

2.2 *A memória social nos traços da realidade sócio-cultural*

A cultura de um povo, de um grupo, de uma comunidade se constrói pela ação dos homens, tanto individual quanto coletiva, no momento da história e pela linguagem, como característica fundante do ser cultural que carrega em si a tradição. Nesses tempos de pós-modernidade, nos quais as identidades se fragmentam e a descontinuidade é banalizada, como afirma Hall (2000), falar em tradição apresenta-se como algo obsoleto.

Porém, quando se fala em memória, fala-se em tradição, na medida em que cultura é o conjunto de todo o repertório que os sujeitos sociais vão acumulando dentro do espaço/tempo em que vivem e tecem suas histórias.

No instante em que fala da memória coletiva, Costa Lima (1995) cita Maurice Halbwachs, quando este afirma:

(...) toda memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros e a partir de experiências de uma vida em família, o nosso bairro, nossa comunidade, relações, marcas, enfim, tudo que nos constitui. (p.86)

Nesse sentido, construída sobre essas experiências vividas, a memória se funda, por conseguinte, naquilo que é a argamassa, o cimento, a tessitura íntima das vivências: a linguagem. Em *Mangue*, a linguagem dos ilhéus é que revela uma memória, feita de sal, suor, lutas e lágrimas. É memória registrada na pele marcada pelo sol e nas mãos rudes e feridas pela lida do trabalho.

Quando comenta que a memória traz à tona olheiros, sons, presenças que se fizeram lembranças, Bosi (2000) diz da força dessas experiências ressignificadas no presente. *Mangue* é memória do seu autor, pois fala do tempo que o mesmo viveu na região que se faz pano de fundo da narrativa. É também memória coletiva de todos que lêem a luta dos ilhéus do Pessanha e se deparam com lembranças que a leitura desencadeia e, é memória coletiva, de um Brasil marcado pelas desigualdades sociais.

Segundo Le Goff,

(...) a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades, cuja memória social é sobretudo, oral, ou que estão em via de construir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação da tradição, esta manifestação da memória (2003, p.470).

Esse recorte que aborda a memória como testemunha do tempo vivido, encontra-

se preso à memória coletiva dos ilhéus, sobretudo, quando se trata do passado em que a abundância de peixes e caranguejos predominava na ilha, que vive um presente, registrado na narrativa, de decadência e miséria, vítima de uma natureza devastada pelos homens. O diálogo que se segue é uma prova desses tempos que se fizeram memória:

- E o rio Paraíba do Sul, Seu promotor, como era?
 - Um riozão, seu Luís. Não era desta largurinha não. A gente, em Atafona, quase não enxergava o Pessanha. A boca da barra ia até o Farol e a casa da dona Ana Augusta Rodrigues. O rio secou mais da metade (SILVA, 1981, p.132)

Esse rio — fonte de vida e sobrevivência na história cotidiana das pessoas que nasceram, cresceram e o veem revoltar-se contra os abusos dos homens, destruindo terra, vegetação, vidas — na obra do Osório Peixoto, situa-se como personagem central. Com a memória dos dias de fartura, vai-se também a vegetação ribeirinha, como o mangue, que deu vida a tantos pequenos ilhéus nascidos no Pessanha, mas que nesses tempos de “capitalismo”, como diz Luís Henrique, personagem do livro, vê a morte tomar o lugar do que antes era vida.

No prefácio da obra, seu autor lança mão da memória, para falar do mangue, que fazia da pequena ilha um lugar de vida e sol:

Também a existência do próprio mangue está ameaçada. Um moço técnico e fazendeiro – duas especialidades perigosas – está aterrando o lado esquerdo do canal de Gargaú, fazendo diques, tapando os buracos de caranguejos, arrancando os pés-de-mangue e toda vegetação. Botando boi onde vicejavam as guaxumas, tapando as poças onde desovam os peixes, fncando cercas onde moravam os guaiamus. (*Idem, ibidem*, p.14).

Nesse depoimento, que já é memória, o autor lembra da realidade do mangue, hoje na visão do tempo presente. Ele fala de um resquício da época em que os ilhéus da região da foz do Paraíba do Sul faziam a festa ao final do dia, com os barcos abarrotados de peixe, camarão e caranguejo.

Todos esses fragmentos do texto encontram referenciais nos estudos de Ecléa Bosi (2000), nos quais ela discute a memória como um segmento da linguagem literária que articula história e cultura como nas lembranças que permanecem vivas através das personagens de *Mangue*.

A questão social é também narrada em *Mangue* como uma vertente cultural, que se faz memória local, visto que olha o que existiu um dia e se fez inspiração, como a história romanceada dos ilhéus, que já não mais existe, arrebatada pelas forças das águas que levaram para o fundo do mar e do rio, a cultura erguida no entorno do mangue.

Olhando o telhado de sapê, em sua insônia cevada pela magreza de

dinheiro, Inocêncio procura solução para seu desespero. Arrepiase só em pensar que a casa está pura, sem comida. Por que manjedora chora quando nasce uma menina na ilha? É um desespero. Quando é um machinho ela se alegra. Por quê? (SILVA, 1981, p. 73).

Cada trecho da história social das personagens de *Mangue* traz para o centro das análises uma cultura tecida de sofrimento, ignorância, privações de uma gente, que vivendo do mar e do mangue, em tempos de avanços significativos da deteriorização do meio natural, vê ruir sonhos e possibilidades de melhores condições de vida. Neste espaço, a literatura, através do registro dessa saga, transforma o que a mão do homem destruiu em memória.

3 Os recortes da cultura dos ilhéus da foz do rio Paraíba do Sul pela força literária da narrativa de Osório Peixoto

Quando diz que texto de prazer é aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, Barthes (1999, p.31) não se refere a uma simples prática confortável de leitura, ele comenta sobre o texto que emociona, toca a alma, redime o leitor e o deixa em estado de graça.

O livro de Osório, poeta da palavra romanceada, provoca esse prazer que se encontra acima das ideologias, das tendências, das manipulações editoriais, midiáticas, enfim, de qualquer outro fator que esteja longe do simples prazer de ler. É a linguagem que seduz, alimenta, preenche e faz refletir. Reflexão que remete aos questionamentos sociais e aponta para a diversidade sócio-cultural, cuja riqueza o leitor apreende em cada palavra, silêncio, vácuos, espaços.

Mangue é literatura de qualidade, registro histórico-cultural, memória local, por ser realidade próxima de quem escreveu sua narrativa, de quem a analisa e de quem vive nesse lugar e lê a saga dos ilhéus do Pessanha, transformando-a em ficção.

Stuart Hall (2000), quando fala das identidades sociais, considera que a compreensão local remete os sujeitos presentes à esfera global, na dialética que faz das culturas, traços, trilhas e toques identitários, parte do universo da pluralidade de muita diferente gente.

3.1 Traços, trilhas e toques nos índices da realidade próxima-distante

A leitura de *Mangue*, na perspectiva desta análise que envolve estudos literários, culturais e memorialísticos, não foi uma escolha casual. Ao contrário, fez com que pesasse a infância e adolescência de quem a cada verão, ia com a família passar as férias em Atafona, praia do litoral São Joanense, a 47 km de Campos dos Goytacazes, lugar

de onde fala a autora deste estudo.

Essa realidade próxima, que são as ilhas da foz do Paraíba do Sul, retratadas no texto ficcional de *Mangue*, na representação da ilha do Pessanha, surpreende por ser um universo ignorado pela maioria do povo campista e, por estar distanciado do contexto das análises sociais, políticas e econômicas da região.

Quando Augusto dos Anjos canta em sua poesia: “Eu sou aquele que ficou sozinho / cantando sobre os ossos do caminho / a poesia de tudo quanto é morto.”, podemos encontrar Osório Peixoto (1981) se assemelhando ao poeta quando solitário canta em prosa, as mazelas do povo da Ilha do Pessanha, imortalizando gente pobre, sofrida, cuja cultura só encontra sentido no espaço-tempo em que é tecida no cotidiano da luta pela sobrevivência dos apanhadores de caranguejo da foz do Rio Paraíba do Sul.

Essa dura realidade, mistura de pureza, sofrimento, sonhos e esperança, revela instantes de rara beleza e personagens marcantes, que são trilhas e toques que levam à reflexão e fazem com que o leitor pense a sua realidade social, que culturalmente tem a mesma origem e as marcas da mesma forma de opressão que deu vida às terras do Norte Fluminense.

Manjedora, a velha senhora, de mãos carcomidas e melhor apanhadora de caranguejos do Pessanha, solidária com os oprimidos de sua gente, que assim, na mesma condição, vivia um dia-a-dia de trabalho e embates com a natureza sempre em busca da sobrevivência, é com certeza a personagem que mais leva o leitor à reflexão. Manjedora é a representação social das várias personagens próximas da realidade vivida, na região, tais como: as mulheres pobres que sobrevivem do trabalho doméstico em casas de família, as mulheres que mesmo idosas sobrevivem nas comunidades faveladas da periferia da cidade, invisíveis aos olhos das políticas públicas e sociais, mesmo sendo partes da população brasileira.

- Manjedora é muito boa. Ajuda a gente, empresta tudo que a gente tem precisão. Ela é muito boa. (SILVA, 1981, p.37)
- Manjedora toma as mãos da moça e beija-as, gesto que Cléa tenta impedir (...). Comovida, a moça beija as faces sofridas de Manjedora, os primeiros beijos que recebe depois da morte do netinho. (*Idem, ibidem*, p.43)

Nos fragmentos que vão dando corpo à personagem, Osório Peixoto traça seus caminhos, uma mulher forte, que na sua pobreza de vida acolhe todos que dela necessitam, além de denunciar os abusos dos poderosos e lançar sua “língua ferina” sobre as injustiças:

Manjedora se mete no ônibus sem comprar passagem, o cobrador quer barrar-lhe a entrada, mas nada consegue, pois ela dispara ônibus a dentro, sapatos nas mãos, os pés cheios de bolha. Manjedora vai em busca de notícias de Luís Henrique, homem bom. (*Idem, ibidem*, p.143)

O coração de Manjedora traz a marca antropológica do brasileiro que, segundo Roberto Da Matta (1981, p.15), “tem como um de seus traços, a solidariedade para com o próximo, seja ele o vizinho, o estranho, o estrangeiro.”

Mas Osório lança mão das metáforas para falar dos personagens que representam o lado dos poderosos, dos donos do poder, dos representantes que, do outro lado, reproduzem as desigualdades sociais e econômicas que traduzem a sociedade de classes.

A cerca que se ergue no Pessanha retrata o poder da força daqueles os quais em nome da autoridade, que lhes é dada pelos homens, acham-se no direito de oprimir, destruir vidas e enterrar esperanças de uma gente que só quer trabalhar e ser feliz nas pequenas tarefas do cotidiano, que a tornam sobrevivente.

A cerca avança rapidamente. A areia solta ajuda o trabalho dos homens e os mourões são fincados com rapidez. Marteladas ecoam na manhã luminosa. Do lado do mar os paus estão de pé e agora dobram no porto do sul, caminhando perto do Bar Santo Amaro. (SILVA, 1981, p.117)

Esse é o obstáculo maior que leva muitos habitantes do Pessanha a fugirem da Ilha. Como uma serpente eletrizada que corta ao meio a Ilha, ela impede a passagem dos que estão do outro lado, o lado de dentro, para o mangue, retirando dos pegadores de caranguejo a chance de alcançar o mangue. O diálogo seguinte é revelador da luta dos ilhéus com o poder do dinheiro:

– O senhor é um grileiro desumano. Não tem o direito de cercar toda a ilha. Se dentro de um mês não der passagem de serventia para os pescadores, nós destruiremos a cerca. (*Idem, ibidem*, p. 120)

A cerca separa os habitantes da ilha do Pessanha, faz nascer o ódio no lugar da solidariedade, a angústia no lugar da esperança, o medo que impede a ação coletiva diante da força dos detentores de poder. Manjedora sofre, “um sentimento novo nasce em sua vida, o ódio”. (*Idem, ibidem*, p.122). A cerca é também um toque para a reflexão sobre a realidade social. É um mote para que o povo desse lugar repense as formas de poder presentes na realidade e busque, a partir dessa reflexão, formas de denunciar e dar visibilidade às injustiças.

A CHAMA inicia seu balé flamante. Deita-se para a direita, quase se extingue, ganha novamente o prumo. Alteia-se e abaixa-se, cresce, alegre-se, firma-se. (*Idem, ibidem*, p.146).

A Ilha do Pessanha dorme, e da praia de Atafona, os namorados que se retardaram nas areias da praia, veem o clarão do fogo que destrói a cerca feita na Ilha. Perto do calor do fogo, em uma casa pobre de sapê, Manjedora dorme o sono dos justos e sonha com o futuro, o filhinho de Cléa e Luís Henrique que está pra nascer. Com certeza, a morte é sempre esperança de vida, de renascimento, de recomeço. Não há mais quase ninguém vivendo no Pessanha e o incêndio da cerca marca o término da narrativa.

No leitor, fica o sentimento de que essa história pertence a quem vive próximo, mesmo que distante no tempo vivencial, das comunidades pobres e excluídas do desenvolvimento econômico. Contudo e, apesar de suas lutas, da ignorância da cultura letrada carregam consigo a pureza dos que construíram com trabalho, sofrimento, suor, sonhos e esperança uma cultura marcadamente rica de vida e que o talento dos criadores da literatura, artistas da palavra, transformam em arte.

Conclusão

Mangue é um romance-memória porque fala de ilhas que não mais existem e que se existem estão desertas de gente; que fala do Pontal de Atafona, que tinha o mais lindo por do sol e atualmente deixou em seu lugar, a força voraz das águas que tudo destroem na revolta da natureza contra os homens.

A elaboração deste estudo, que tem nas categorias, cultura, memória, literatura, os eixos para análise do romance *Mangue* de Osório Peixoto, foi efetivamente um exercício de prazer e sofrimento. Prazer pela beleza da linguagem e pela poesia que se mistura à prosa ficcional. Sofrimento, porque o texto é de uma riqueza tão grande, que uma análise puramente acadêmica acabaria por retirar o que a linguagem tem de mais belo.

As tentativas de mergulhar no universo de *Mangue*, sem deixar de lado as referências teórico-literárias, os conceitos linguísticos e semióticos presentes no discurso, revelaram-nos a importância do rigor na análise do texto literário como memória cultural.

Mangue é acima de tudo um romance literário, que apresenta conotação social, ao denunciar a exclusão das culturas ribeirinhas, que sobrevivendo dos rios e mangues, nesses tempos de destruição do meio ambiente natural, veem morrer seus valores, tradições, passando a viver de memórias que se enterram definitivamente com a passagem do tempo.

Ao mostrar a linguagem típica dos pegadores de caranguejo do *Mangue* da ilha do Pessanha, assim como seus costumes e crenças, o autor revela essa cultura rica, que nem mesmo os moradores de São João da Barra conhecem.

É também na linguagem simples e poética, marcada por metáforas e metonímias, que se oferecem as belezas figurativas do texto que falam por si da importância desse escritor, que até bem pouco tempo viveu entre nós.

Mangue deixa no leitor um desejo de andar pelos lugares citados no texto e de

conhecer um pouco dessa cultura esquecida, que vai morrendo a cada espaço de terra tomado pelas águas do Paraíba do Sul.

Para concluir, deixamos registradas as palavras de Stella Leonardos quando esta no prefácio do livro se expressa:

Do chão-poesia desse rapsodo dos Campos sofridos e beira-mares encantatórios desabrocha o espontâneo. Rasgo de verde. Simplesza açucena. Obra timbrada de sol e sal.

É tudo isso e mais o que permanece no imaginário a ser ressignificado a cada leitura deste romance que eternaliza a paisagem do mangue na foz do Paraíba do Sul.

Referências

- ANTELO, Raul. *Margens: Revista Cultura*, Belo Horizonte, n.1, p.77-85, jul. 2002.
- ANTELO, Raul *apud* SERRES Michel. *Margens: Revista Cultura*, Belo Horizonte, n.1, p.78, jul. 2002.
- BARTLES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos).
- _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- _____. *O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Atelier Cultural, 2003.
- CASTELLO, José. As aldeias resistentes. *Revistas Bravo*, v. 4, n. 45, jun. 2001.
- COSTA LIMA, Luiz. *Vida e Mimesis*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.
- DUCROT, D. *Dizer e não dizer: princípios de semântica e de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- GANDY, Matthew. *O olhar simbólico*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- GERALDI, J. Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HALL, Stuart. *As identidades na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2000.
- KOCK, Ingedore G. Villaça. *Desvendando o segredo do texto*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

- _____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1990.
- LANG, Berel *apud* HEIDEGGER, Martin. *O silêncio em Heidegger*. Ithaca: Universty Press, 1996.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.
- LEONARDOS, Stella. Prefácio de Mangue. *In: SILVA, Osório Peixoto. Mangue*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- MAINGUINEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2ª ed. rev. Ampl. São Paulo: Contexto, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- ORTEGA Y GASSET. José. *O filósofo das circunstâncias*. São Paulo: Moderna, 1960. (Coleção Lagos).
- PAZ, Octavio. *Signo em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SILVA, Osório Peixoto. *Mangue*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- RONAI, Paulo. *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. 2ª ed. São Paulo: Experimento, 2000.

Artigo recebido em: 23 mar. 2010

Aceito em: 15 jun. 2010

